

TRABALHOS DE PESQUISA

NAS MARGENS DO AMOR

Mahamoud Baydoun¹; Melissa Andrea Vieira de Medeiros²

ON THE BANKS OF LOVE

Resumo: O presente artigo baseia-se nos resultados da pesquisa “A Busca pelo Amor: Um Estudo com Jovens Casais de Porto Velho-RO”³ desenvolvida pelo Centro de Estudo e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM) entre Agosto de 2012 e Julho de 2013 com o intuito de abordar o que se espera do amor através da análise do discurso de casais, sejam eles: namorados ou casados tanto heteroafetivos quanto homoafetivos, compreendendo as idades entre 20 e 30 anos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter empírico, em interface com o arcabouço freud-laciano. Foram realizadas 28 entrevistas com 14 casais heteroafetivos e homoafetivos. Durante as entrevistas, adotou-se um roteiro semiaberto composto de consignas disparadoras, garantindo maior flexibilidade na relação pesquisador-colaborador. As informações obtidas foram categorizadas em temáticas a partir do método de análise de conteúdo, permitindo a compreensão das nuances subjetivas que regem os relacionamentos amorosos na região amazônica. Esta análise apontou para as interfaces do amor com a falta, com as fantasias e principalmente com aspectos narcísicos do sujeito desejante que, em geral, espera ser amado de forma recíproca, o que apareceu de forma evidente no discurso dos casais. Esses compartilham, além disso, do sonho de se completarem e consequentemente atingir a felicidade, o gozo, a jouissance. Não obstante, o gozo na psicanálise já é dito impossível, pois caso fosse atingido, representaria a morte do desejo, do amor, do sujeito per si.

Palavras-chaves: amor; psicanálise; desejo; relacionamentos

Abstract: The current article was based on the results of the research: “The Quest for Love: A Study with Young Couples of Porto Velho-RO”, developed by the Center of Studies and Researches of Subjectivity in the Amazons (CEPSAM) between August, 2012 and July, 2013. The research aimed to shed light on what people seek in love through the analysis of the discourse of both heteroafective and homoafective couples between 20 and 30 years. It is a qualitative empirical research with an interface with the freudo-lacanian theories. 28 interviews were carried on with 14 homoafective and heteroafective couples. During the interviews, a semi-open script was composed of key questions, ensuring greater flexibility in the researcher-interviewee

1. Acadêmico do 9o Período de Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM). Bolsista de Iniciação Científica CNPq. E-mail: dodi_vib@hotmail.com

2. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora Associada do curso de graduação e mestrado em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas da Subjetividade na Amazônia (CEPSAM).

3. Essa pesquisa foi financiada pela Propesq/UNIR e pelo CNPq como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

relation. The obtained information was divided in themes based on Content Analysis, which enable the comprehension of the subjective nuances that pervade love relationships in the Amazons. This analysis pointed out to the relation between love, lack of being, fantasies and especially the narcissistic dimensions of the desiring subject that usually expects to be loved reciprocally. This appeared evidently in the couples' discourse. Besides, they share the dream of being completed and consequently attain happiness, absolute satisfaction, jouissance. However, absolute satisfaction is impossible for psychoanalysis, because if it was attained, it would represent the death of desire, the death of love and the death of the subject himself/herself.

Keywords: models of family; role of women; affection

Introdução

Observa-se que a busca do sujeito pela completude e felicidade aumenta paulatinamente. Trata-se de uma plethora de formas através das quais o sujeito se apoia em busca de atingir o gozo, das quais se destaca: o amor, tema-pivô dessa discussão e que evidencia uma das formas mais reconhecidas de buscar tamponar a falta e o desamparo que são condições sine qua non para a edificação do sujeito, como já destacara Lacan (1962/2005). Para iniciar a discussão acerca do tema-pivô da pesquisa, optou-se como ponto de partida um saber longe das teorias científicas que se debruçam acerca do amor. Trata-se do Soneto 116 de William Shakespeare que se destaca a seguir:

De almas sinceras a união sincera
 Nada há que impeça: amor não é amor
 Se quando encontra obstáculos se altera
 Ou se vacila ao mínimo temor.
 Amor é um marco eterno, dominante,
 Que encara a tempestade com bravura;
 É astro que norteia a vela errante
 Cujo valor se ignora, lá na altura.
 Amor não teme o tempo, muito embora
 Seu alfanje não poupe a mocidade;
 Amor não se transforma de hora em hora,
 Antes se afirma, para a eternidade.
 Se isto é falso, e que é falso alguém provou,
 Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.
 (SHAKESPEARE, Soneto 116).

A partir da posição de iniciante científico, e intrigado pelas nuances e singularidades da subjetividade, tem-se o papel de questionar e abolir verdades já consolidadas, seja pela ciência ou pelo imaginário social que reflete sobre as produções literárias e artísticas. Percebe-se que o trecho Shakesperiano trata de uma construção mítica e idealizada do amor que forclui a dimensão solipsista e narcísica que rege os relacionamentos afetivos.

É muito comum a crença de que, no amor, temos que nos entregar, dar o que temos, fazer uma renúncia, inclusive um sacrifício pelo outro. Essa concepção idealizante e lírica forclui a dimensão narcísica em jogo no amor, sendo para isso, precisamente, que Lacan chama atenção. Devemos ter presente que amar é procurar ser amado; com efeito, fazemos essa volta para que o amor retorne para nós. Daí que ele vai dizer, sobre o amor, que este é sempre enganoso, porque, de fato, amar é procurar ser amado. (HARARI, 2006, p. 96.)

Pode-se supor que o soneto 116 ilustra a maneira que o amor talvez se manifeste na fantasia dos neuróticos⁴, esse canto seguro que revela o outro como perfeito, capaz de suprir as faltas e erradicar a angústia de serem seres marcados pela castração. Porém, onde os inconscientes se encontram e as fantasias se atropelam no princípio de realidade, o amor demonstra-se ser não só

4. É importante destacar a distinção que a psicanálise faz entre as estruturas clínicas, principalmente entre a neurose (neuróticos) e a psicose, pois os relacionamentos amorosos e as escolhas objetais se dão de forma diferente.

fonte de prazer e bem-estar, mas também fonte de sofrimento, angústia e dor psíquica. No entanto, mediante todas as dores que o relacionamento amoroso inflige ao sujeito, percebe-se que ainda há uma busca frenética pelo amor como um meio de sanar a falta. Freud (1930/2006) em “Mal-estar na civilização” já dizia que amar e ser amado é um dos meios que o sujeito busca para lidar com o desamparo originário e atingir a felicidade. Afinal, o que se espera desse amor que tanto se procura, mas muitas vezes nos decepciona?

Para a psicanálise, os antípodas amor e ódio se completam. Encontra-se prazer na dor, e dor no prazer caso este atinja um grau absoluto: o gozo, ou a jouissance. Nota-se que este gozo absoluto é dito impossível, pois caracterizaria um encontro com o Real, a completude, a satisfação completa e, portanto, a morte do desejo. Sabe-se, todavia, que o desejo, e sua ética de continuar desejando perpetuamente, é o único que mantém o aparelho psíquico em estado anímico (FREUD, 1900/2006). A lógica do inconsciente não condiz ao aforismo cartesiano Penso, logo existo, mas o modifica de maneira que se torne: “Estou insatisfeito, logo existo”, ou melhor “Desejo, logo existo”. Não há realidade intrassubjetiva ou intersubjetiva semelhante à outra, o que compôs o principal obstáculo frente a esta pesquisa haja vista a plurissignificação do signo e a multiplicidade infinita dos significantes que se reflete na impossibilidade de equidade entre as subjetividades.

Objetivos

Objetivos gerais:

- Abordar o que se espera do amor por meio da análise do discurso de casais, sejam eles namorados, parceiros fixos heteroafetivos ou homoafetivos, compreendendo a idade de 20-30 anos, fase em que, de acordo com o desenvolvimento humano, há a busca da intimidade e de relacionamentos amorosos mais estáveis.

- Analisar as principais características dos relacionamentos amorosos por meio de entrevistas com esses casais.

Objetivos específicos:

- Buscar, por meio das entrevistas com os casais colaboradores, a relação entre “falta” e “amor”.
- Investigar como o amante constrói uma imagem fantasiada do “outro”.
- Relacionar os principais problemas e angústias que surgem em relacionamentos com mais de um ano de duração.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Conforme Hermann e Lowenkron (2004), a pesquisa qualitativa em psicanálise se divide em três tipos: bibliográfica, empírica e clínica. A pesquisa realizada foi de caráter empírico e baseou-se em dois pilares:

a) A revisão bibliográfica do arcabouço teórico freudo-laciano sobre o amor. Adotamos, portanto, obras de Freud (1911/2006; 1914/2006; 1917/2006; 1930/2006), Lacan (1953/2009; 1959/1988; 1960/1992; 1962/2005; 1972/1985), Nasio (1997; 2007), Roudinesco e Plon (1998) e Harari (2005).

b) A realização de entrevistas com 14 casais, sendo 12 casais heteroafetivos e 2 homoafetivos, totalizando 28 sujeitos, entre 20 e 30 anos de idade, entrevistados individualmente, pois acreditava-se que por mais que o tema-pivô da pesquisa fosse os relacionamentos afetivos intersubjetivos, a intrassubjetividade sempre predominará sobre a intersubjetividade. Os casais colaboradores foram informados sobre a pesquisa e escolhidos através da divulgação na rede social Facebook, na qual foi ressaltado o tema, bem como uma breve descrição dos objetivos da pesquisa. Acredita-se que a pesquisa não pode, de maneira alguma, se desligar do *hic et nunc* (aqui e agora), pois uma das suas etapas mais importantes constituiu-se de um estudo empírico através de entrevistas com

casais que residem em Porto Velho. Portanto, foi necessário moldar a pesquisa às novas tecnologias e meios de comunicação contemporâneos. Acredita-se que cada casal trouxe consigo sua própria mistura de intra e intersubjetividades, então pouco nos importou, como estudiosos da psicanálise, o sexo dos colaboradores, pois a libido é amorfa e não tem objeto definido. As entrevistas foram semiestruturadas de maneira aberta, o que conforme Bleger (1984) propicia ampla liberdade para o entrevistador-pesquisador perguntar e/ou intervir. Em outras palavras, foi elaborado um roteiro de “consignas disparadoras” que concomitantemente manteve a liberdade dos sujeitos para se expressarem através da fala e os conduziu a falarem de assuntos relevantes ao tema da pesquisa. Os sujeitos foram entrevistados nas salas de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Fundação Universidade Federal de Rondônia sem o uso de gravadores, o que foi assegurado perante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), propiciando, portanto as condições necessárias para um setting favorável à escuta e a criação e um bom rapport.

Para facilitar o entrelaçamento reflexivo entre o discurso dos casais entrevistados e a revisão da literatura psicanalítica que se debruça acerca de temas relacionados ao amor, os depoimentos dos casais foram transcritos em forma de histórias de amor que concomitantemente preservou o sigilo e promoveu a interpretação dos dados pelos pressupostos teóricos do método de análise de conteúdo apresentado por Bardin (1977).

Para este artigo, foram escolhidos alguns depoimentos com o objetivo de iniciar um diálogo reflexivo entre a literatura psicanalítica e o discurso dos sujeitos entrevistados.

Resultados e discussão

As teorias freudo-lacanianas enfatizam a importância da falta na constituição do sujeito. Essa falta o impulsiona a investir em objetos do mundo exterior a fim de preenchê-la. É justamente esta falta que levou Suelen⁵, 24 anos a relatar que costuma chamar seu namorado Luan de Solution Boy, ou seja, o homem das soluções, como se essa falta fosse um problema cuja solução está nas mãos de Luan, e, amando-o, a eliminaria. Todavia, será que o amor realmente erradica esta falta cuja existência, na realidade, é condição sine qua non para o sujeito desejante?

Luan, ao invés de ser um Solution Boy, é como todos os sujeitos, um Problem Boy, pois ele também possui uma falta. Tal colocação nos remete ao apotegma laciano (1972/1985): “Amar é dar o que não se tem”. Portanto, se pergunta: Por que, no amor, se dá o que não se tem? Dá-se o que não se tem porque o falo como significante marca sua impossibilidade de ser cedido (HARARI, 2006), justamente para que a relação sexual – metáfora do gozo absoluto – não se concretize.

Remete-se, portanto a outro apotegma laciano (1972/1985): “Não há relação sexual. Há algo que vem em suplência: O amor”. A relação sexual, metáfora desse encontro com a satisfação absoluta, não pode ser escrita. Sua impossibilidade é condição sine qua non para o psiquismo. O desejo é e continua sendo na medida em que não há relação sexual, não há encontro com o gozo, com o Real, com a plenitude. É justamente por isso, que o relacionamento amoroso mantém o sujeito em uma corda bamba entre o amor e o ódio, entre o horror vácuo (o vazio) e o horros plenis (a satisfação). O relacionamento amoroso gera um prazer parcial e, portanto, ilude a falta (vácuo) desse sujeito, mas ao mesmo tempo, evita o gozo (plenitude), pois a melhor maneira de evitar o gozo, conforme Nasio (1997), é simulando-o.

A subjetividade é regida pela ausência

5. Nome fictício. Todos os nomes de colaboradores utilizados neste artigo são fictícios.

da relação sexual⁶, para que o desejo continue desejando, e para que a fantasia da volta à onipotência pré-edípica, que muitos amantes constroem, tenha uma falha. Se os amantes fossem realmente *solution people*, se prostrariam eternamente a um gozo absoluto inexistente e mortífero: Não haveria mais desejo! Não haveria mais sociedade! Não haveria mais sequer o amor! Será possível amar sem desejar?

Essa busca no outro de um pedaço que falta em si mesmo apareceu no discurso de vários entrevistados direta ou indiretamente, como se houvesse uma tentativa de uma fusão utópica amante-amado, como se fossem duas partes de um mesmo quebra-cabeça que se encaixariam perfeitamente. Tal colocação nos remete às etapas pré-edípicas do desenvolvimento quando a criança costuma se perceber como extensão da mãe, tendo as suas necessidades ilusoriamente satisfeitas de forma plena e imediata. Essa tentativa de atingir a completude através de amar e ser amado pode ser compreendida a luz do Édipo, pois se configura como tentativa de fundir-se com o amante, formar o Um Platônico conforme denominação de Lacan (1972/1985) a fim de alcançar um gozo desmedido.

Por exemplo, Cláudia, 23 anos, mantém um relacionamento sério com Ivette, 26 anos, há mais de três anos. Cláudia relatou que queria implantar os óvulos de Ivette dentro do seu útero através da inseminação artificial. As fantasias de Cláudia de fundir-se com a amada podem ser ilusoriamente realizadas dentro do útero, através de outro ser. No entanto, dentro da subjetividade, tal fusão é impossível, pois o Um Platônico não existe, já defendia Lacan (1972/1985) no Seminário 20, pois se existisse, marcaria um encontro com o gozo, com a completude, a aniquilação da falta, e a morte do sujeito em vida.

Para que a falta se preserve e o desejo se proteja do perigo de um gozo desmedido que aniquilaria o sujeito e que não pode ser vivenciado a qualquer custo, surgem as falhas no relacionamento.

Raíssa, 25 anos, falou sobre seu relacionamento com Inaê, 30 anos, com tanta paixão, meticulosidade e ternura que lagrimou. Todavia, ao ser indagada sobre os momentos de menor companheirismo por parte da parceira, a paixão virou uma raiva aparente. Raíssa reclamou que Inaê não gostava de segurar seus cabelos quando queria escová-los, muito menos acompanhá-la ao salão.

Ao falar dos cabelos, remete-se ao que Lacan (1953/2009) propôs no Seminário 1: “Queremos ser amados por tudo – não somente pelo nosso eu, como o diz Descartes, mas pela cor dos nossos cabelos, pelas nossas mãos, pelas nossas fraquezas, por tudo” (p. 359). Em suma, parece, a partir do relato dos entrevistados, que querem ser amados incondicionalmente. Mas será que o sujeito é capaz de amar da mesma forma que deseja e fantasia ser amado?

Na impossibilidade de satisfazer o desejo de forma completa e de ter um relacionamento dito perfeito, por mais belo que pareça ser, surge a fantasia como uma cena imaginária e mítica que propicia consolo ao sujeito vivenciando-o como a forma de um prazer.

A fantasia, assim como a falta e o desejo, são condições *sine qua non* para a abordagem psicanalítica do amor. Quando Freud (1914/2006) escreveu acerca do inconsciente, o caracterizou pela atemporalidade, pelo regimento do processo primário através do qual a energia libidinal flui livremente podendo deslocar-se e condensar-se em diferentes representações mentais

6. Refere-se ao apotegma lacaniano “Não há relação sexual”. A relação sexual, nesse contexto, é uma metáfora para a satisfação completa do desejo. Como a insatisfação é condição indispensável para o estado anímico do inconsciente, esta relação sexual (no sentido lacaniano) não pode ser concretizada, ou seja não existe um estado de gozo absoluto, pois o maior desejo do desejo é de continuar desejando. Assim, nossa subjetividade é marcada por essa falta de relação sexual.

através de processos metonímicos e metafóricos respectivamente. Nesse universo interno marcado pelo inconsciente, as fantasias condensadas de libido reinam sobre a realidade externa. Trata-se de um mundo significativamente simbólico-imaginário. Para Roudinesco e Plon (1998, p. 223), a fantasia é “a parcela da atividade psíquica que se mantém independente do princípio de realidade e submetida unicamente ao princípio de prazer”.

Conforme Freud (1914/2006), a fantasia é um reino intermediário que construímos entre a vida conforme o princípio de prazer e a vida conforme o princípio de realidade. Em um primeiro momento, parece que a fantasia é puramente regida pelo princípio de prazer, pois no mundo fantasmagórico tudo pode ser verdade.

Paulo, 30 anos, fantasia se casar com roupas de basquete, ao passo, que Fabrício, 21 anos se fantasia como um bisavô com uma multidão de filhos, netos e bisnetos. Disse que queria ter cinco filhos para espalhá-los pelos cinco continentes. O interessante é que o sujeito é o personagem principal de suas fantasias, utilizando a representação mental do outro para alimentá-las, na esperança de tornar real aquilo que faz parte do nosso espectro simbólico-imaginário.

Observa-se que as fantasias com o ser amado surgem antes da consolidação do relacionamento, podendo ser destruídas após conhecer o outro mais intimamente, gerando certa decepção por parte do amante, até que possa reconstruir novas fantasias.

É importante salientar que é frequente surgirem angústias relacionadas a expectativas e fantasias sobrevalorizadas quando o casal passa a morar junto, ou seja, quando passam do estado de namoro para o estado de união civil. Tal fato foi perceptível no relacionamento entre Sharlene e Daniel. Ele destacou que se identificava mais com a Sharlene namorada, pois depois que se uniram, começaram a brigar por causa de diferentes motivos: falta de dinheiro, filhos, familiares, entre outros. Sharlene tornou-se outra pessoa. Há muitas

Sharlenes nessa história: uma antes da união, outra depois da união e uma terceira na cabeça de Daniel que reina sobre as primeiras.

A fantasia sobre o amor ideal era evidenciada nas expectativas de companheirismo absoluto, respeito, felicidade, completude que apareciam no início das entrevistas quando os colaboradores eram questionados sobre o significado do amor e o que dele esperavam. As falhas nas expectativas e a decepção geralmente apareciam no decorrer da entrevista quando os entrevistados tinham liberdade para falar sobre os momentos de menor companheirismo do amado. Alguns chegaram a chamar o outro de egoísta, ou egocêntrico. É justamente neste sentido que percebemos que as fantasias esbarram com a realidade. Trata-se de um furo na fantasia de um amor ideal e perfeito que preenche todas as faltas e satisfaz todos os desejos. Alguns entrevistados demonstraram-se cientes da exacerbada idealização das relações amorosas que é majoritariamente vivenciada.

Na teoria é lindo, e é isso que a gente busca. Mas na prática: o amor tem o outro lado. Eu acho que às vezes, eu espero muito. Acho que a gente coloca no outro nossa felicidade, como se fosse preencher tudo. Te leva pro paraíso, mas também te leva pro inferno. A gente espera. A gente se frustra. Por isso vou sempre mantendo os pés no chão. (Rosy, 22 anos.)

Rosy sente-se atraída pelo perfil de Kleber, mas de vez em quando se frustra. Disse que ele é muito autocentrado e egoísta, e chegou uma vez a deixá-la sozinha em uma festa. Apesar dos pesares, mantêm um relacionamento sério há cerca de 4 anos. Aquele que mais amamos é aquele que mais nos deixa sofrer. Aquele que mais nos deixa sofrer é aquele que mais amamos.

Segundo J. D. Nasio (2007), “A angústia é o avesso do prazer. Angústia e prazer são tão indissociáveis que os imagino como gêmeos paridos

pelo desejo” (p. 33). A análise do discurso dos entrevistados ressaltou o caráter indissociável da angústia e do prazer dentro de um relacionamento. Parece que os relacionamentos não são tão perfeitos conforme se costuma idealizar. Suelen, por exemplo, se entretém com as brigas do casal. O mais comum, todavia, é surgir uma angústia por medo de perder o ser amado e/ou seu amor, de forma específica. Muitos dos colaboradores descreveram uma sensação “estranha” e/ou “ruim” relacionada à possibilidade da perda do ser amado. Nasio (1997) chama essa sensação de angústia, que é um sentimento frente a uma possível perda, a uma possível dor psíquica. Ofélia, por exemplo, chorou quando lhe foi pedida que imaginasse como seria sua vida sem Vladimir. Em alguns casos, como por exemplo, no de Gregory e Lorena, que namoram há mais de seis anos, há relatos de dor psíquica, pois o casal chegou a pôr um ponto final no relacionamento várias vezes. É justamente essa dor e essa angústia que nos motivou a escrever o projeto: “Quando o amor se vai: um estudo com jovens de Porto Velho”, desenvolvido no ciclo 2013-2014 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Foi comum ouvirmos em relatos de apaixonados a seguinte frase: “Não me imagino mais sem ele” ou “Não me vejo mais sem ele”. Postula-se que esse tipo de frase ilustra o sentimento de angústia que muitos amantes sentem para com seus seres amados. Quando um sujeito diz “não me vejo mais sem ele”, é porque em algum momento do relacionamento se imaginou ou se viu sem o parceiro e isso incrementou o sentimento de angústia, gerou um simulacro de uma dor psíquica que não conseguiria suportar. Quando o sujeito diz que não imagina é porque já imaginou. É essa a lógica da subjetividade.

Tal angústia foi também destacada por Suelen, de uma forma até poética que se cita a seguir.

Eu evito falar de amor para não me magoar, mas

acho que amo ele, a gente totalmente se encaixa. As brigas acontecem, mas é incrível a capacidade que temos para respeitar o sentimento do outro. Meu amigo! Se a gente não brigasse, não teria graça. Ele me respeita, me escuta, me acompanha. Eu queria que durasse. Tenho medo que não dure. Tenho porque sou doída, tenho medo de ele acordar e dizer: ‘eu gosto da Suelen, mas não é a Suelen’. Fico com medo. Não posso criar muita expectativa e tento fazer com que isso dê certo para durar mais pra frente. (Suelen, 24 anos.)

O amor contemporâneo, além das nuances subjetivas, desperta um sentimento de insegurança quanto ao futuro, que possivelmente resulta da lógica da pós-modernidade na qual vivemos e na qual os relacionamentos se tornam cada vez mais líquidos e transitórios. Será que esta insegurança é própria do amor ou é relacionada às nuances subjetivas da pós-modernidade? Será que o sofrimento seria um dos pilares de um relacionamento amoroso, e sem o qual não haveria amor?

Freud (1930/2006) destacou que o sujeito nunca se encontra tão suscetível ao sofrimento como quando está amando. Ao mesmo tempo, o pai da psicanálise enfatizou a busca frenética do sujeito pela felicidade através de amar e ser amado. O discurso dos casais entrevistados leva a supor que o sujeito, em geral, ama para que seja amado de volta. Ou seja, os entrevistados esperam ser amados reciprocamente, o que já foi defendido por Freud (1914/2006) quando distinguiu entre os dois tipos de escolhas objetais: narcísica e anaclítica (por apoio). Nota-se que a escolha anaclítica é tão narcísica quanto a primeira, pois se procura no outro o pai que protege ou a mãe que alimenta, evidenciando, portanto, um retorno subjetivo para aquele que ama e investe sua libido na representação mental do outro. Daniel, 27 anos, relatou que almeja a reciprocidade no amor, se expressando através das seguintes palavras: “Espero ser retribuído. O amor que eu dou. Espero ser retribuído.” Esse discurso

apareceu de forma latente quando os entrevistados diziam que esperam respeito, companheirismo, felicidade e completude. Tais afirmações nos levam a reforçar as suposições de que se procura no outro aquilo que não se tem. Portanto, parece que os entrevistados amam por um fim. O amor não é filantrópico.

Considerações finais

A realização da pesquisa: “A busca pelo amor: um estudo com jovens e casais de Porto Velho-RO” permitiu desenvolver um diálogo entre o arcabouço freudo-lacaniano sobre o amor e o discurso de jovens casais de Porto Velho-RO, abrindo, portanto, novas conjecturas para a compreensão das nuances subjetivas que possivelmente regem os relacionamentos amorosos. Os resultados permitem apontar que os entrevistados esperam ser amados de forma recíproca. Esperam também alcançar a felicidade, o companheirismo e a completude. Embora os relacionamentos amorosos situam-se no campo da subjetividade, no qual reina a relatividade, foi possível salientar aspectos em comum entre a maioria dos relacionamentos abordados.

Os casais costumam fantasiar o relacionamento, uns mais que os outros, mas em suma todos fantasiam, cada um a partir de uma forma singular e única. Compartilham, além disso, do sonho de se completar e conseqüentemente atingir a felicidade, o gozo, a jouissance. Ora, esse gozo é dito impossível, pois caracteriza a morte do desejo.

É justamente por isso que surgem falhas no relacionamento. O Real bate à porta. O véu de fantasias e expectativas com o qual recobrimos a representação mental do ser amado se rasga. Os episódios de discórdia e sentimentos de angústia surgem. Alguns brigam, outros sentam para

conversar por diversos motivos: falta de atenção, futebol, sapatos, religião, ciúmes, um mero olhar que se desvia, a bunda de outra, uma maldita palavra mal dita. Briga-se às vezes pelo espaço na cama, pelo cabelo do outro. Em suma, a discórdia surge quando os planos de um não incluem o outro, ou quando as necessidades de um não coincidem com as do outro, quando os desejos não se casam, quando os inconscientes se atropelam. Ou seja, nas margens do amor, não há apenas mãos dadas. Não há apenas pôr do sol, contos de fada. Há também escuridão, há também discórdia. Tal discórdia é crucial para um relacionamento, pois se não houvesse falhas, o relacionamento seria completo, seria perfeito, e o sujeito cessaria de amar, já que é exatamente a completude e a perfeição que ele busca através de amar e ser amado de volta, já que não se busca mais aquilo que o sujeito já tem. E assim como Freud já havia salientado em pleno início do século XX, ainda em meados do século XXI presenciamos que o amor, ao mesmo tempo que causa extrema felicidade, sentimento de completude quando correspondido, também gera mais angústia, desconforto, ansiedade e sofrimento quando dá sinais de não correspondência ou quebra do contrato secreto de dedicação recíproca, o que nos leva a levantar novos questionamentos acerca dos relacionamentos amorosos, reforçando sempre a conspícua relatividade e subjetividade em prol do amor.

Supõe-se, portanto, que o que move o amor não é o sentimento de amor per si, mas a busca crônica pela felicidade e completude que geralmente une dois sujeitos para que juntos possam desejar e continuar desejando a ilusão de uma completude até que A MORTE⁷ os separe: a morte do desejo, a morte das ilusões que pode ser tão mortífera quanto a morte real do parceiro.

7. Deslizamento de significante entre as palavras: Amor e A morte. A completude, na psicanálise é sinônimo de morte subjetiva, pois o sujeito abstém-se de desejar. Entre um “Amo-te” e “A morte”, há apenas o R do Real.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.
- BLEGER, José. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artmed, 1984.
- FREUD, Sigmund (1900/2006) A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 4.
- _____. (1911/2006) Observações sobre o amor transferencial. In: *Obras psicológicas completas de sigmund freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 12.
- _____. (1914/2006) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14.
- _____. (1917/2006) Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14.
- _____. (1927/2006) O futuro de uma ilusão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.
- _____. (1930/2006) O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.
- HARARI, Roberto. *Por que não há relação sexual?* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LACAN, Jacques (1953/2009) *O Seminário, livro 1- Os escritos técnicos de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Versão Brasileira de Betty Milan.
- _____. (1959/1988). *O Seminário, livro 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1960/1992). *O Seminário, livro 8 - A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. (1962/2005) *O Seminário, livro 10 - A Angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- _____. (1972/1985) *O Seminário, livro 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. *O Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Trad. André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SHAKESPEARE, William. *Sonnet 116*. Disponível em: <<http://www.shakespeare-online.com/sonnets/116.html>>. Acesso em 04 abr. 2014.